

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

DEVIDE ALEXANDRE DIZ AMBROSIO

**ALÉM DAS 4 LINHAS: A ARBITRAGEM NO
FUTEBOL BRASILEIRO - UM
RADIODOCUMENTÁRIO**

BAURU
2016

DEIVIDE ALEXANDRE DIZ AMBROSIO

**ALÉM DAS 4 LINHAS: A ARBITRAGEM NO
FUTEBOL BRASILEIRO – UM
RADIODOCUMENTÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para o título de bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof. M.^a Daniela Pereira Bochembuzo.

BAURU
2016

Ambrosio, Deivide Alexandre Diz

A496a

Além das 4 linhas: a arbitragem no futebol brasileiro –
Um radiodocumentário / Deivide Alexandre Diz Ambrosio.-
- 2016.

55 f. : il.

Orientadora: Profa. M.^a Daniela Pereira Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade do Sagrado Coração – Bauru
–SP.

1. Arbitragem. 2. Futebol. 3. Jornalismo. 4. Rádio. 5.
Radiodocumentário. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II.
Título.

DEIVIDE ALEXANDRE DIZ AMBROSIO

**ALÉM DAS 4 LINHAS: A ARBITRAGEM NO FUTEBOL BRASILEIRO
– UM RADIODOCUMENTÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para o título de bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof. M.^a Daniela Pereira Bochembuzo.

Banca examinadora:

Prof. M.^a Daniela Pereira Bochembuzo
Universidade do Sagrado Coração

Prof. M.^a Erica Cristina de Souza Franzon
Universidade do Sagrado Coração

Prof. M.e Lucas Silveira de Azevedo
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 14 de dezembro de 2016.

Dedico aos meus pais e familiares, que me incentivaram a fazer este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meus pais, Marquinhos e Keila, e meu irmão, Andrey, que me aguentaram todo esse tempo, sempre me auxiliando no que podiam e nunca deixando que ficasse pra baixo, pois passei por uma fase muito difícil e eles me ajudaram e muito.

À minha orientadora, Daniela, pela paciência que teve comigo, me ensinou tudo detalhadamente. Se não fosse por ela, não teria conseguido acabar nunca este trabalho.

À minha namorada, Maria Laura, que me incentivou muito a concluir esta etapa da graduação. Também agradeço a ela pelas vezes em que foi à biblioteca, devolver meus livros, quando eu não podia ir até à universidade.

Ao meu amigo Vinícius Andrade, por fazer a locução do trabalho em pleno sábado, sem cobrar nada por isso, somente pela amizade mesmo, e por sempre me ajudar nas edições das entrevistas.

À minha sogra, Adelina, que me ajudou na tradução para o inglês em um domingo, tirou dúvidas sobre concordâncias e também me incentivou a finalizar o TCC.

Ao Leandro e Alex, do Laboratório de Rádio, que me 'aguentaram' e editaram todo o produto, sempre me ajudando em tudo o que precisei.

Ao João Falcade, que me ajudou a faculdade inteira, sempre tirando minhas dúvidas e me explicando tudo o que precisava.

E a todos que torceram por mim durante toda a graduação.

RESUMO

No futebol, quem dita as regras é o árbitro, um profissional do esporte movido por intensa responsabilidade, mas sem carteira assinada, respaldo profissionalizante, auxílio financeiro fixo ou médico. Por conta disso, cada partida representa o exercício do trabalho, em isso não ocorrendo, não há rentabilidade ao final de cada jogo. Sob essa situação problema, este trabalho tem como objetivo a produção de um radiodocumentário que transmita à população as dificuldades de ser um árbitro no Brasil, por meio de debates sobre a profissionalização da categoria, o uso da tecnologia em campo, a formação e a atuação em campo. Para documentar esses tópicos por meio de um produto radiofônico de longa duração, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, acrescida de coleta de entrevistas de árbitros, dirigentes, torcedores, professores e jornalistas, seguida de produção de roteiro e edição. O documento radiofônico obtido reforça a necessidade da profissionalização da arbitragem sob a justificativa de favorecer a dedicação à atividade e a melhoria do próprio futebol, reduzindo a possibilidade de erros. Avalia-se que o presente trabalho contribua, com olhar jornalístico, para o entendimento de que o profissional árbitro de futebol tenha as garantias necessárias trabalhistas para atuar com dignidade e qualidade.

Palavras-chave: Arbitragem. Futebol. Jornalismo. Rádio. Radiodocumentário.

ABSTRACT

As the one who gives the football rules, the referee is not a signed professional. The arbitrator who has the huge responsibility for conducting the arbitration does not have any type of professional support, once he does not receive any financial or medical assistance. Each match represents the exercise of his work, when this does not occur, his profitability does not come in the an end of each game. This work aims to show to the population the difficulties of being an arbitrator in Brazil, since he is the only one that among the twenty-two who are in the field, has no financial guarantee whatsoever. And to analyze these facts, we talked with referees, to find out how their lives are in this activity. How do they deal whith game times on weekdays, and what do they think about professionalization. We also talked with managers, fans and journalists in order to get their opinion on the subject. In most cases, they agree whit the professionalization, always with the justification of having more time to dedicate themselves. This way it would make it more fair, with less possibility of errors. The issue of the introduction of technology in football was addressed in the radio document. Such a controversial subject that is always under discussion in the sports environment. In my view, the result sought was the expected, since I managed to overcome all the difficulties of arbitration in Brazil and I understood that it is no use to blame an arbitrator without he has the working garantees to devote himself to the activity of arbitration.

Keywords: Arbitration. Football. Journalism. Radio. Radio Documentary.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	PROBLEMA.....	9
1.2	HIPOTESES	10
1.3	OBJETIVOS.....	10
1.3.1	Geral	10
1.3.2	Específicos	10
1.4	JUSTIFICATIVA.....	10
1.5	METODOLOGIA	11
2	RÁDIO	12
2.1	RADIOJORNALISMO	16
3	GÊNEROS RADIOFÔNICOS	21
4	DESENVOLVIMENTO	27
4.1	BRIEFING	27
4.2	PESQUISA E COLETA DE DEPOIMENTOS	28
4.3	ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL	29
4.4	ESTRUTURA NARRATIVA E ROTEIRO.....	29
4.5	GRAVAÇÃO E EDIÇÃO	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICE A - Transcrições das entrevistas	35
	APÊNDICE B – Laudas	47

1 INTRODUÇÃO

O futebol é a grande paixão nacional, prova disso é que mais de 55% da população tem o esporte como o preferido, segundo dados do Ministério do Esporte. (ALCANTARA,2016). Quem comanda tudo isso é o árbitro, porém é o único entre os vinte e dois que estão em campo que não é empregado fixo e, com isso, não recebe benefícios como cesta básica, 13º salário, entre outros. (PIMENTEL, 2013).

Isso significa que ser árbitro no Brasil é uma profissão de riscos: ou apita ou não ganha nem um real no mês. Para melhorar a situação, a Lei nº 12.867 foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff em 2013, com o objetivo de melhorar a condição de trabalho da arbitragem. Porém, na prática, a legislação não mudou em nada a situação dos árbitros, pois não foi regulamentada. Mesmo assim, segundo dados do site oficial da Federação Paulista de Futebol (2016), somente no Estado de São Paulo são mais de 500 árbitros em atuação.

Somado à ausência de regulação da questão legislativa, os árbitros são cobrados de forma exagerada pelos seus erros, pela mídia em programas esportivos que veiculam diversas vezes um equívoco, por dirigentes, que chegam até a ofender publicamente os profissionais da arbitragem, ou até mesmo pelos torcedores, com ameaças de agressão. Isto aconteceu na final do Campeonato Paulista de 2015, entre Santos e Palmeiras, quando o atacante palmeirense Dudu agrediu o árbitro Guilherme Cereta de Lima depois de ser expulso. (ÁRBITRO..., 2015).

Outro caso foi do árbitro Rodrigo Castanheira, que chegou a ser ameaçado de morte após não ter dado um gol para o Vasco, no jogo diante do Flamengo pelo campeonato carioca de 2014. (MARINHO, 2014).

Outro agravante na profissão é que o árbitro não tem tempo hábil para se dedicar à atividade, pois em geral tem outro trabalho por garantia financeira. Segundo os próprios árbitros em consulta prévia a este pesquisador, no momento de elaboração do projeto de pesquisa, no segundo semestre de 2015, essa falta de profissionalização pode trazer problemas extracampo. Exemplo: As faltas ao trabalho para atuar em um jogo de semana. Tais questões afetam o psicológico de qualquer pessoa, podendo levar à desatenção e resultar em um erro.

Focada nos resultados dos jogos e transmissões, a mídia tende a não mostrar as dificuldades de ser um árbitro no Brasil, mas sim em seus erros. Em pesquisa realizada por este pesquisador no dia 14 de março de 2016, com a palavra-chave

árbitro, no site globo.com, foram encontradas 20 primeiras notícias relacionadas à arbitragem em teor negativo à atuação desse profissional. Nenhuma relatou o fato do árbitro de não se ter garantias financeiras ou médicas. De forma semelhante, raramente se tem comentários sobre a profissionalização.

Por conta desse contexto, decidi-me por tratar o tema em um radiodocumentário cujo objetivo é mostrar o dia a dia do árbitro brasileiro, de como se prepara para uma partida conciliando outro trabalho. Ao ouvi-los, bem como a dirigentes, jornalistas e torcedores, avalio ser possível contribuir para o debate sobre a profissionalização da arbitragem, tema que, como torcedor apaixonado por futebol, acredito ser importante para o aprimoramento da modalidade.

O rádio foi escolhido para este projeto pois futebol e rádio cresceram um em razão do outro. “O rádio serviu para levar o futebol a mais pessoas, enquanto o esporte popularizou o veículo de massa que ainda era jovem.” (PRADO, 2012, p. 85). Ou seja, as histórias de ambos, no, Brasil se entrelaçam. Tanto que até nos dias de hoje, em muitas emissoras, o futebol é o carro-chefe da programação. Exemplo é a rádio Grenal, sintonizada no canal 95.9FM no Rio Grande do sul, que dedica 24 horas de sua programação ao futebol, sendo com programas ou transmissões ao vivo.

Outro fator da escolha é que o rádio é meio radiofônico mais acessível, pois tem baixo custo de produção, usa uma linguagem mais coloquial, características com as quais este pesquisador se identifica. Outro fator que salta aos olhos é que, com o passar do tempo, o rádio se modernizou em tecnologia, técnica e linguagem, o que favoreceu as transmissões esportivas.

Para Prado (2012, p. 86), “Muitos pesquisadores creditam ao futebol e às transmissões esportivas o grande crescimento do rádio. Foi a partir daí que as tecnologias começaram a se desenvolver, abrangendo outros setores da rádio.” Assim, o futebol também se modernizou, porém a relação de trabalho dos árbitros ainda não.

1.1 PROBLEMA

Tendo como base a temática e o contexto em que se insere, questiona-se: Como um radiodocumentário pode contribuir para uma abordagem mais humanística sobre arbitragem no Brasil?

1.2 HIPÓTESES

A partir do problema, supõe-se como hipóteses: O formato do radiodocumentário deve incluir entrevistas com árbitros, mostrando seu dia a dia, os preparativos para uma partida, o que pode favorecer uma abordagem mais humanística, transmitindo para os ouvintes o que se passa na arbitragem nacional; O radiodocumentário também deve incluir depoimentos de dirigentes e torcedores sobre a relação de trabalho do árbitro no Brasil e sugestões de melhorias.

1.3 OBJETIVOS

Seguem abaixo objetivo geral e objetivos específicos deste estudo.

1.3.1 Geral

Produzir um radiodocumentário sobre o dia a dia do árbitro de futebol e a necessidade da profissionalização da arbitragem.

1.3.2 Específicos

Os objetivos específicos são:

- a) Realizar pesquisas bibliográfica e documental sobre os temas rádio e arbitragem;
- b) Produzir o radiodocumentário contendo entrevistas a dirigentes, árbitros e torcedores, e realizar edição e finalização do produto.

1.4 JUSTIFICATIVA

A justificativa para produzir um radiodocumentário com o tema de arbitragem é o grande interesse do brasileiro pelo esporte: mais de 55% da população tem o futebol como o preferido, segundo dados do Ministério do Esporte. (ALCANTARA, 2016).

Somado a isto, a arbitragem passa uma difícil fase com cada vez mais erros. Em levantamento feito pela Folha de São Paulo até as 23ª rodada do campeonato Brasileiro de 2015, já havia 25 erros graves, mais de um por rodada. (BRASILEIRO..., 2015).

O meio de comunicação escolhido foi o rádio com a justificativa de ser o que mais facilita a logística para acompanhar um árbitro, e o baixo custo, além do interesse deste pesquisador pelo meio ao longo da graduação e também durante o estágio.

1.5 METODOLOGIA

Para a realização deste radiodocumentário, primeiramente foi feita uma pesquisa bibliográfica, que “[...] num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa.” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 51).

Foram utilizados livros da biblioteca da Universidade e outros que já possuo, como o autor Jung (2004), que nos auxiliou na parte da história do rádio no Brasil, mostrando-nos ainda o funcionamento de uma emissora. Os autores Porchat (1989), Ferraretto (2014), Barbeiro e Lima (2001) e McLeish (2001), entre outros, nos ampararam na parte prática do produto, mostrando o caminho para a realização do radiodocumentário. E Barbosa Filho (2003) e Melo (1994) favoreceram a reflexão sobre gêneros e formatos no meio radiofônico.

A pesquisa bibliográfica foi seguida de pesquisa documental sobre legislação e a sites das federações de futebol. A etapa seguinte consistiu na pesquisa de campo, que, segundo a Fuzzi (2010), “[...] procede à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados [...]”.

Imerso na realidade do campo, foram coletas entrevistas com árbitros, atletas e dirigentes, através de entrevistas qualitativas, abertas, sem sequência pré-determinada, o que possibilitou obter mais informações possíveis, pessoalmente ou por telefone, de acordo com as técnicas jornalísticas aprendidas em sala de aula. Para Fontana e Frey (1994 apud DUARTE; BARROS, 2006, p. 62), “[...] entrevista é uma das mais comuns e poderosa maneiras que utilizamos para entender nossa condição humana”.

Nesse caso, avaliamos através das entrevistas que realizamos durante a pesquisa de campo a real situação da condição de trabalho do árbitro. Com entrevistas finalizadas e transcritas, iniciamos o roteiro, finalizamos a edição e este Relatório de Fundamentação Teórica, para posterior apresentação em banca pública.

2 RÁDIO

O rádio surgiu para o mundo em 11 de dezembro de 1901, quando foi realizada a primeira transmissão transatlântica. Quem conseguiu esse feito foi o cientista Guglielmo Marconi, que oito anos depois ganhou o Prêmio Nobel de Física de 1909, por suas contribuições para a comunicação sem fio. Segundo relatos, Marconi baseou-se em teorias já estudadas para aperfeiçoar suas ideias. (PRADO, 2012).

A autora também relata que no Brasil a primeira transmissão oficial somente ocorreu em 7 de Setembro de 1922, no dia de comemoração da Proclamação da República. Na ocasião, foi transmitido um discurso do presidente Epitácio Pessoa, por uma emissora instalada no alto do Corcovado, que depois veio a se tornar a primeira estação de rádio no Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A emissora teve início em 1923, a programação era de cunho educativo, com o objetivo de levar educação à sociedade.

Na década de 1930, com a autorização por decreto federal de veiculação de conteúdo publicitário no rádio, as emissoras se espalharam pelo Brasil. Isto deu um novo rumo à radiodifusão, pois o veículo se tornou reconhecido, se tornando também um meio comercial, aonde empresas usam a programação para anunciar seus produtos, é a “Era de Ouro” do rádio no Brasil.

O investimento comercial dos anunciantes locais, por outro lado, proporcionou o lançamento de uma programação aprimorada. Durante toda a década de 1930, os textos publicitários no rádio brasileiro divulgam produtos e estabelecimentos exclusivamente nacionais. (MOREIRA, 1991, p.23).

As programações radiofônicas mudaram nessa nova “era”. Programas humorísticos e marchinhas de carnaval foram inseridos no início da década de 30, e o futebol ganhou destaque com a transmissão do campeonato mundial, com isso o rádio se torna o principal meio de comunicação de massa no Brasil. (PRADO, 2012).

Com toda essa popularidade, o rádio se tornou um instrumento ideológico dos governos, com programas transmitidos com o objetivo de fortalecer a ditadura, com notícias favoráveis ao governo. Nessa época, a transmissão da Hora do Brasil (então chamada Voz do Brasil) passou a ser obrigatória em todas as rádios: “O programa tem uma hora de duração, e vai ao ar diariamente, das 19 às 20. Para levar informações sobre os três poderes aos pontos mais distantes do país.” (PRADO, 2012, p. 99).

Inicialmente as notícias apresentadas pelos programas radiofônicos eram retiradas dos jornais impressos, realizando-se apenas uma releitura. Com o crescimento do setor radiofônico, na década de 40, as emissoras começaram a se especializar, criando estilos próprios de noticiários. (CALABRE, 2002).

O principal noticiário radiofônico dessa época era o Repórter Esso, considerado o pioneiro do jornalismo contemporâneo. “O Repórter Esso serviu de modelo para muitos jornais radiofônicos e televisivos que o sucederam. A primeira edição foi ao ar em 1941, na rádio Nacional do Rio de Janeiro.” (CALABRE, 2002, p.43).

A década de 40 também é marcada pela transmissão da primeira radionovela no Brasil, que se torna um fenômeno generalizado, pois teve como principal trunfo a conquista de um público mais amplo. (PRADO, 2012).

A programação tornou as novelas de rádio um fenômeno generalizado. A rádio Nacional do Rio de Janeiro e a rádio São Paulo, na capital paulista, passaram a ser especialistas. Isso permitia um grande desenvolvimento do setor de radionovela e radioteatro das emissoras. (CHAVES, 2007, p. 32).

No começo, eram trazidos autores estrangeiros para se produzir as radionovelas. Com o passar do tempo, autores brasileiros ganharam espaço, porém o salário não era atrativo e exerciam outras funções dentro das rádios. A sonoplastia era outro setor importante, pois criava sonoramente tudo o que envolvia as cenas. (PRADO, 2012).

A autora também cita que as radionovelas influenciavam muito no cotidiano nacional, pois seu conteúdo era direcionado à vida dos brasileiros, e com isso deixaram de ser voltadas apenas para mulheres e ocupavam os melhores horários de transmissão, resultando em propagandas mais amplas e frequentes associadas ao produto. (PRADO, 2012).

Na década de 1950, uma inovação revolucionou a forma de fazer rádio, foi a chegada do transistor, que eliminou o fio dos aparelhos, tornando a mobilidade muito mais fácil. Decorrente a isso, a linguagem se modificou, para se apropriar da facilidade de um aparelho que acompanha o ouvinte aonde quer que ele fosse, diferente de antigamente, em que famílias se reuniam na sala para ouvir. “A tecnologia avança, permitindo o aprimoramento da radiofonia. Em paralelo com o surgimento da TV, o rádio ganha fôlego com o transistor.” (PRADO, 2012, p.220).

Porém com a concorrência com a TV, a rádio iniciou um processo de reformulação da programação. A verba de publicidade começa a ser dividida com a TV, o que obriga as rádios a cortarem gastos e diminuir a folha salarial. (CALABRE, 2002).

Outro fato da década foi o início das experiências de educação à distância pela Igreja Católica, que transmitia seus programas ao vivo, utilizando uma rede de recepção organizada em igrejas, escolas e outros lugares. Com a ditadura, a atividade, porém, enfrentou restrições pelo fato de o governo da época se sentir ameaçado. (PRADO, 2012).

Ainda na década de 1960 começa a operar no dial brasileiro a FM, com uma qualidade sonora melhor que a AM, pois reduzia drasticamente os ruídos ou chiadeira, fazendo ser mais prazeroso ouvir rádio. A FM não foi criada para aperfeiçoar a AM e sim para substituí-la. (PRADO, 2012).

As primeiras transmissões em frequência modulada no Brasil foram realizadas com um atraso de 30 anos em relação a invenção da FM. O engenheiro americano Edwin Armstrong fez em 1933 uma demonstração do sistema de transmissão de rádio em frequência modulada para os executivos da RCA [...], mas só na década de 1960 surgiram as emissoras FM no Brasil. (PRADO, 2012, p. 260).

Com o golpe militar de 1964, emerge o rádio alternativo para driblar a censura do governo, integrado a movimentos de forças sociais e políticas de conquistar o espaço democrático negado pelo regime. Coube a eles revelar os acontecimentos ocorridos no período.

Na década de 70, as rádios comunitárias perdem cada vez mais espaço, ao deixar o sentido inicial de ser porta-voz da comunidade, para imitar as rádios comerciais. Outras se mantêm atuantes em meio à pressão da ditadura.

Literalmente, um veículo para dar voz aos que não têm voz. Espaço para dar vazão e mostrar anseios de comunidades, as rádios comunitárias deveriam ser uma espécie de embrião de toda e qualquer estação de rádio. Ou seja, atendendo uma região, com assuntos e interesses dos cidadãos, procurando resolver os problemas da comunidade, fazendo pontes entre moradores e autoridades locais para a solução, ou parte dela, das adversidades do cotidiano. (PRADO, 2012, p. 297).

A década de 70 traz a consolidação das rádios FMs, que ganham cada vez mais audiências entre a juventude, em virtude de sua programação com mais músicas do que as rádios AMs (PRADO, 2012). A política federal de incentivo às concessões em FM contribui para esse contexto.

Nos anos 80, algumas emissoras começaram a se fortalecer no Brasil, com programações que caíam no gosto dos brasileiros, por meio de jornais e programas com estruturas inovadoras, garantindo a audiência. (PRADO, 2012).

A década de 90 marca a solidificação das redes de rádios pelo país. No início com deslizes, pois transmitiam notícias locais como previsão do tempo, trânsito, para todo o país. Depois foi ajustado, com momentos dedicados à programação em rede para todo o país e outros apenas para notícias locais.

Os programas de entretenimento continuam na programação dos anos 90 e “[...] os altos custos de uma produção de TV fazia com quem os anunciantes voltassem a se interessar pela rádio” (MEDEIROS, 2008).

A partir dos anos 2000, a rádio, com medo do fantasma da extinção, começa a ser transmitida via internet, assim acompanhando a tecnologia e não deixando ser chamado de veículo ultrapassado. “O velho fantasma da extinção do rádio ronda mais uma vez os nossos estúdios, trazendo angústias e incertezas a seus profissionais [...]” (MEDITSH, 2001).

Da tecnologia derivada da internet surgem os audiocasts, cujo objetivo é modernizar as programações para essa geração da internet. Paralelo a isso, as emissoras passam a veicular seu conteúdo online, favorecendo que o ouvinte se torna bem participativo. Ao participar mais da programação, o receptor se torna protagonista, determinando os assuntos que serão abordados. (PRADO, 2012).

Nos dias de hoje as rádios continuam com sua audiência, porém não com o mesmo prestígio dos anos 40, 50, 60 e 70, mas se adequaram ainda mais à era de mídias sociais para se aproximar mais dos ouvintes, e continuar essa história tão fascinante que é a do rádio.

2.1 RADIOJORNALISMO

O radiojornalismo no Brasil começou a ser usado para ampliar o conteúdo irradiado, fundamental na busca pela audiência ao veículo. Nessa época os radialistas não iam em busca de notícias e, sim, liam o que tinha ocorrido através dos jornais impressos. Em alguns casos, a leitura era integral, sem nenhuma interpretação, ou seja, qualquer um poderia fazer essa função, já que não se tinha repórteres específicos para apuração de conteúdo jornalístico. Até nos dias de hoje, algumas emissoras ainda não contam com uma equipe de jornalismo, principalmente pelo custo, e apenas retransmitem o que se tem nos jornais impressos.

No início da radiodifusão no Brasil, na década de 1920, o amadorismo ditava o funcionamento de muitas emissoras.

O programa não tinha hora certa para começar, ou melhor, tinha: assim que o Roquette-Pinto terminasse a leitura dos jornais impressos. Era o tempo de telefonar para o estúdio da emissora e pedir para o técnico colocar o rádio no ar. O próprio Roquette-Pinto lia as notícias. (JUNG, 2004, p. 19).

Roquette-Pinto foi um pioneiro no radiojornalismo, com o programa *Jornal da Manhã*. Além de retransmitir as notícias dos jornais impressos, Roquette-Pinto fazia um comentário ao final de cada notícia, com isso levava os ouvintes a uma reflexão do ocorrido. (JUNG, 2004).

Na década de 30, a radiofonia começou a operar como comercial, com mais qualidade técnica e profissional, com anúncios publicitários que ajudavam na receita do rádio. A radiodifusão brasileira ganhou e perdeu com esses anunciantes, pois ao mesmo tempo em que tinham retorno financeiro, também se tornavam refém das verbas publicitárias. (PRADO, 2012).

Nessa época, o radiojornalismo parecia não ter noção dos vantajosos recursos que o veículo poderia atrair e as características do poder de informação que poderia proporcionar por um meio de comunicação com mais mobilidade, cuja notícia pode ser passada de forma imediata, ampliando o potencial de transmissão para rápida informação. (ZUCOLOTO, 2012).

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) provoca marcantes transformações no rádio brasileiro, principalmente no radiojornalismo. A população durante a guerra

tinha necessidade de informação imediata sobre o que ocorria, não se importava com aprofundamentos dos fatos, apenas queria saber o que estava acontecendo. E o rádio se destacou nessa época, pois era o veículo mais ágil e imediato. (ZUCOLOTO, 2012). “As informações chegavam numa velocidade nunca antes imaginada. As notícias de guerra pipocavam em todos os lugares. Chegando de uma viagem ao interior do país.” (VELLOSO, 1997, p.136-137).

Mesmo com todo esse potencial, o radiojornalismo ainda não contava com uma linguagem própria, ou técnicas próprias. A fonte continuava sendo os jornais impressos e as notícias eram apenas lidas, com a exceção de Roquette-Pinto.

O jornalismo começa a mudar suas fontes, o conteúdo de informação e a técnica, com o jornal Repórter Esso, que não foi uma criação brasileira. O Esso chegou ao Brasil através da agência norte-americana McCann-Erickson, indo ao ar pela primeira vez em 28 de agosto de 1941. É um marco no radiojornalismo brasileiro. A partir dele outros radiojornais começam a “imitarem” sua forma de passar a notícia. Que contam com suas “[...] próprias fontes de captação, embora ainda restritas. Principalmente com os telegramas enviados pelas agências de notícias internacionais e aos seus ainda pouco repórteres.” (ZUCOLOTO, 2012, p.82).

O “Repórter Esso” foi um marco na história do radiojornalismo nacional que, de acordo com Sonia Virginia Moreira (1991, p.26) “alterou completamente o padrão dos jornais falados vigentes até então no rádio brasileiro”. É que, com a chegada do Esso a radiofonia brasileira, inaugurou-se no país um modelo de noticiário de rádio, usualmente denominado de síntese noticiosa, que se caracteriza por curta duração (cinco minutos era o tempo do Esso) e notícias por textos estruturados por frases em ordem direta e curtas, informações objetivas e quase secas. (ZUCOLOTO, 2012, p. 27).

Nesta fase, os noticiários ainda não chegam a passar as informações em cima do fato, pois os recursos técnicos não são os ideais para o imediatismo e instantaneidade, que são o ponto forte do veículo.

Este avanço no radiojornalismo na década de 40 ocorreu principalmente nas emissoras das cidades maiores. No interior, as emissoras ainda tinham como fontes os jornais impressos, porém o seu avanço foi copiar as emissoras maiores com o recurso de “radioescuta”, por meio do que ouviam, escreviam e reescreviam as matérias escutadas a partir das grandes emissoras. O custo era o grande fator para

que isso ocorresse, pois essas emissoras não tinham condições financeiras de ter uma equipe de jornalismo, nem equipamentos necessários. (ZUCOLOTO, 2012).

As agências internacionais marcaram o radiojornalismo, não só por passarem as notícias, mas também porque através dela predominou no Brasil o estilo norte-americano de se fazer rádio. (ZUCOLOTO, 2012)

Na década de 50, com a chegada do transistor, que livrou o aparelho de fios, criou-se uma nova linguagem para se adaptar a um aparelho com alta mobilidade, que acompanhava o ouvinte em qualquer lugar. Essa nova linguagem deu origem ao jornalismo radiofônico moderno, que tem foco na agilidade de informação (PRADO, 2012).

O rádio, até então o principal meio de comunicação, perde espaço para a TV, e tentou através do jornalismo, buscar formas para não acabar. Encontrou na eletrônica seu maior aliado. Através de gravadores magnéticos, unidades móveis de transmissões, esses aparelhos não contribuíram apenas para a continuidade do rádio, mas sim para o radiojornalismo. (ZUCOLOTO, 2012).

Foi nessa época que diminuíram os pesos dos equipamentos e o volume, o que possibilitou reportagens na rua, e gravações fora dos estúdios e ao vivo, o que impulsionou o radiojornalismo.

A “Continental” foi a primeira emissora especializada em reportagens externas no Brasil. Operadores e rádio-reporteres saíam juntos para as tarefas, e a primeira providência era a instalação de microfones nos locais onde se realizariam as solenidades. Os telefones tinham de ser “matados” (expressão que significa bloquear os aparelhos de telefone, cujas linhas são utilizadas nas transmissões diretas). (FELICE, 1981, p. 69).

As cadeias de rádios impulsionaram o radiojornalismo na década de 60. Através das redes de telefones as emissoras formavam em rede, possibilitando até entradas ao vivo. (ZUCOLOTO, 2012).

O rádio teve como aliado para enfrentar a era da TV as novas tecnologias, principalmente por intermédio do incentivo a reportagens próprias. Nessa fase, os repórteres eram essenciais na produção de notícias, já que as emissoras começaram a investir em jornalismo, inclusive com chamadas externas.

Como pioneira nessa nova fase, a rádio Continental foi a primeira a ter seu carro próprio de reportagem, o que facilitava o repórter a ir até o acontecimento.

Com isso repórteres e técnicos entravam ao vivo de qualquer lugar, com notícias sempre mais rápidas que nos concorrentes.

Ainda na década de 60, torna-se obrigatório pela lei 4.117 que toda emissora teria que ter no mínimo 5% da programação para serviços noticiosos. Com isso, algumas emissoras que não contavam com equipe jornalísticas, principalmente as FMs, voltaram a recorrer a jornais impressos como fontes e, assim, não ter que mudar seu orçamento por conta dessa nova lei. Essa obrigatoriedade acabou abrindo espaço para o desenvolvimento do radiojornalismo. (ZUCOLOTO, 2012).

Já as estações que apostavam no jornalismo, depois da lei, se aperfeiçoaram ainda mais; neste período da história, também começam as agências nacionais de notícias e equipes de reportagens, com isso as notícias enfatizam mais conteúdos regionais do que nacionais.

Na década de 70, o grande exemplo da mudança da notícia no rádio foi o Jornal de Integração Nacional, da rádio Jovem Pan, que tinha uma linguagem mais objetiva, o que permitiu também se diferenciar por ter uma cobertura local e nacional, por isso contava com repórteres em várias cidades. Nesta fase se consolidam os correspondentes, que algumas emissoras têm até em outros países. (ZUCOLOTO, 2012).

No Final na década de 70, estouraram as greves no ABC paulista, mas as rádios não puderam divulgar temendo perder a concessão do governo e por serem censuradas pela polícia federal, com isso o desenvolvimento do radiojornalismo foi freado. Neste período, a notícia radiofônica foi sinônimo de resistência, poucas emissoras conseguiram progresso, o que se observou foi a transformação do texto. (ZUCOLOTO, 2012).

Nos anos 80, as emissoras começam a ampliar o espaço jornalístico, investindo em equipamentos e pessoal, algumas delas passam a dar notícias durante quase todo o dia, caso da rádio Jornal do Brasil (JB). “O objetivo da JB, com a introdução da novidade, era criar um novo hábito entre os rádios-ouvintes - ouvir notícias durante a maior parte do dia - e assim cativar e manter a audiência.” (ZUCOLOTO, 2012, p. 128).

Outro fato importante da década de 80 é que as emissoras FMs começaram a ter o jornalismo como parte da programação, o que antes era exclusivo das rádios AM. (PRADO, 2012).

Ainda na década de 80, as notícias regionais e imediatas caem no gosto dos ouvintes, que cada vez querem saber com mais agilidade e detalhes os fatos ocorridos.

Na década de 90, com a globalização, começou uma discussão de como seria a adaptação dos antigos meios de comunicações a essa nova era. Dessa fase em diante, as informações passaram a ser o espetáculo. O radiojornalismo cresce ainda mais, mas a concorrência acaba por motivar o sensacionalismo nas notícias.

Os satélites, a fibra ótica e as estações de micro-ondas são inovações que no final dos anos 90 já estavam cristalizadas na mídia eletrônica, provocando profundas modificações, reciclagens e garantindo papel e espaço para estes meios no dito novo mundo. (ZUCOLOTO, 2012, p. 150).

Ainda nos anos 90, o rádio se preocupava ainda mais com seus maiores potenciais, que são o imediatismo, instantaneidade, mobilidade e abrangência. E o meio ganhou um aliado, os satélites, que facilitaram uma maior abrangência, passando as barreiras regionais, estaduais e até nacionais. Outra evolução foi o processo de digitalização da produção, melhorando a qualidade dos áudios. (ZUCOLOTO, 2012).

Com a virada do século, a notícia deixou de ser apenas primária, incorporou de vez as entrevistas e os repórteres passaram cada vez mais a entrar ao vivo, direto do ocorrido para dar a notícia em primeira mão, da maneira mais completa.

Agora nessa era da internet, o rádio se aliou a ela, com transmissões online ao vivo, possibilitando pessoas do mundo inteiro ouvir determinada emissora, seja de AM ou Fm. Com isso, qualquer aparelho eletrônico se torna um rádio, seja tablet, computador ou celular, chegando a um alcance muito maior de ouvintes.

Mesmo com essas novas tecnologias, o rádio continua a ser um dos meios mais tradicionais, o mais popular, pois é muito mais barato se comprar um rádio do que uma TV ou um computador e junto com a internet tem o poder de distribuir mais rapidamente as informações.

O exercício de conteúdo no rádio levou ao desenvolvimento de vários gêneros e formatos, explicados no capítulo seguinte.

3 GÊNEROS RADIOFÔNICOS

Tendo em vista que o objeto desta pesquisa é a produção de um radiodocumentário, faz-se necessário entender o que é este formato e o gênero do qual faz parte.

Conceituar gênero é algo bem complexo, pois cada autor tem sua própria definição. Melo (1994), por exemplo, define que gêneros são as formas que o jornalista utiliza para se expressar, ou seja, é a maneira que o jornalista adota para conseguir passar a mensagem que pretende ao receptor.

Já para Martin-Barbero (ano apud BARBOSA FILHO, 2003), gênero é o elo que une os espaços da produção, é o que auxilia a construção da informação, ou seja, o gênero faz parte do processo comunicativo, ao tornar comum uma forma e atribuir sentido a conteúdo transmitido.

O gênero varia conforme o meio e o tipo de conteúdo que se pretende produzir. Desta forma, quando se considera o rádio e o que é produzido e veiculado no meio, tem-se uma ampla variação de gêneros e formatos, afirma o pesquisador Barbosa Filho (2003), principal estudioso do tema e que, por essa razão, será adotado nas caracterizações a seguir.

No rádio, se tem o gênero educativo-cultural, pouco utilizado no Brasil e muito banalizado pelas rádios, quando poderia ajudar em muito o aprendizado das pessoas. Entre seus formatos, ressalta o autor, encontram-se o programa institucional, a audiobiografia, o documentário educativo-cultural e o programa temático. (BARBOSA FILHO, 2003).

Outro gênero é o de entretenimento, que foi por muito tempo o de menor importância, porém está em crescente uso, uma vez que possibilita explorar com maior profundidade a riqueza do universo de linguagem do áudio através dos formatos de programa musical, programação musical, programa ficcional, programa artístico, evento artístico e programa interativo de entretenimento. (BARBOSA FILHO, 2003).

Tendo em vista a característica de financiamento por meio da publicidade, aponta Barbosa Filho (2003), o rádio brasileiro também produz o gênero publicitário,

cujo objetivo é aumentar as vendas através de divulgação de conteúdo comercial. Os formatos utilizados são spot, jingle, testemunhal e peça de promoção.

O gênero propagandístico, explica o autor, como o nome já diz, são as propagandas, através dos formatos de peça radiofônica de ação pública, programas eleitorais e programa religioso. (BARBOSA FILHO, 2003).

Já o gênero de serviço são os produtos que servem de apoio para as necessidades da população através dos formatos de notas de utilidade pública, programate de serviço e programa de serviço. (op. cit.).

O gênero especial, outro encontrado no rádio brasileiro, tem esse nome porque não implica em função específica igual aos outros gêneros. Entre seus formatos estão o programa infantil e o programa de variedade, argumenta Barbosa Filho (2003).

No gênero jornalístico, foco deste trabalho de conclusão de curso, o rádio é utilizado com o objetivo de divulgar informações sobre algo ocorrido, podendo ter o ponto de vista pessoal do jornalista sobre a informação.

Os formatos do gênero jornalístico incluem: Nota, definida como a informação transmitida de um fato atual, de forma mais breve apenas 40 segundos, com frases diretas. Já a Notícia é o modulo básico da informação, é o relato integral do fato ocorrido em um tempo médio de 90 segundos, podendo ser apresentada em mais de um bloco, e em mais de um locutor. (BARBOSA FILHO, 2003).

Segundo o autor, outros formatos incluem: Boletim, que é um programa informativo de curta duração – em média, 5 minutos –, geralmente constituído por notas e notícias; Reportagem, definida como um relato ampliado do acontecimento, que engloba ao máximo as variedades do ocorrido, de forma a permitir noção mais aprofundada através dela; e a Entrevista, considerada uma das principais fontes de coleta de informação, está presente de forma direta ou indireta na maioria das matérias jornalísticas, sendo um processo de apuração e investigação para se ter um resultado informativo de qualidade.

No gênero opinativo, há o Comentário, considerado pelo autor como um formato importante no jornalismo radiofônico, pois cria ritmo e amplia o cenário sonoro do receptor, sendo a principal função do comentarista emitir opinião especializada sobre o ocorrido, passando mais segurança ao ouvinte. Outro formato opinativo é o Editorial, pouco utilizado no rádio brasileiro e caracterizado pelo

anúncio de opinião não personalizada e mostrar o ponto de vista da emissora. Já a Crônica tem as mesmas características apresentadas no jornal impresso, estabelecendo relação com a atualidade e ligação com uma circunstância favorável, sempre a partir do ponto de vista do autor. (BARBOSA FILHO, 2003).

Outro tipo praticado no gênero jornalístico é o Radiojornal, que é a junção de vários outros formatos (notas, notícias, reportagens etc.), com várias seções com notícias de variados gêneros; é transmitido diariamente sempre no mesmo horário, de forma a veicular conteúdo noticioso com credibilidade.

Já as Mesas-redondas são o espaço para emissão de várias opiniões sobre um mesmo assunto; sua estrutura baseia-se no debate entre os participantes e apresentações de pontos de vista e seus argumentos para determinado assunto.

Outros formatos listados por Barbosa Filho (2003) são: Programa policial, cujo objetivo é cobrir os acontecimentos policiais, geralmente sendo apresentados durante os radiojornais; o Programa esportivo, cuja finalidade é divulgar o conteúdo esportivo através de boletins, reportagens, mesa-redonda; e a Divulgação Tecnocientífica, que objetiva divulgar acontecimentos científicos, por meio de linguagem mais fácil para a população entender.

Por fim, há o Documentário Jornalístico, objeto deste trabalho. Na definição de Barbosa Filho (2003), neste formato há um tema aprofundado ao máximo, através de um repórter condutor na apresentação. Seu conteúdo aborda opinião de especialistas, pesquisas realizadas resultantes de ampla investigação sobre o tema, agrupados por meio de um roteiro e posterior edição.

Para Ferraretto (2014), a grande dificuldade de se definir um radiodocumentário é saber identificar este produto, uma vez que é facilmente confundido com uma grande reportagem, pois são formatos bem parecidos em relação à duração e ao uso de fontes. Já as principais diferenças envolvem o fato de que nos documentários existe uma abundância de depoimentos longos, pois não se tem prazos e duração definida, diferente do que ocorre nas reportagens; outra diferença é que na reportagem a edição é comprimida, pelo fato de ser de menor duração, ou seja, documentário é um produto mais trabalhado, que se aprofunda mais no assunto abordado, para cativar a audiência.

Para a produção de um documentário, devido à sua profundidade e abrangência, é necessário um planejamento. Mais que um tema central, o produto

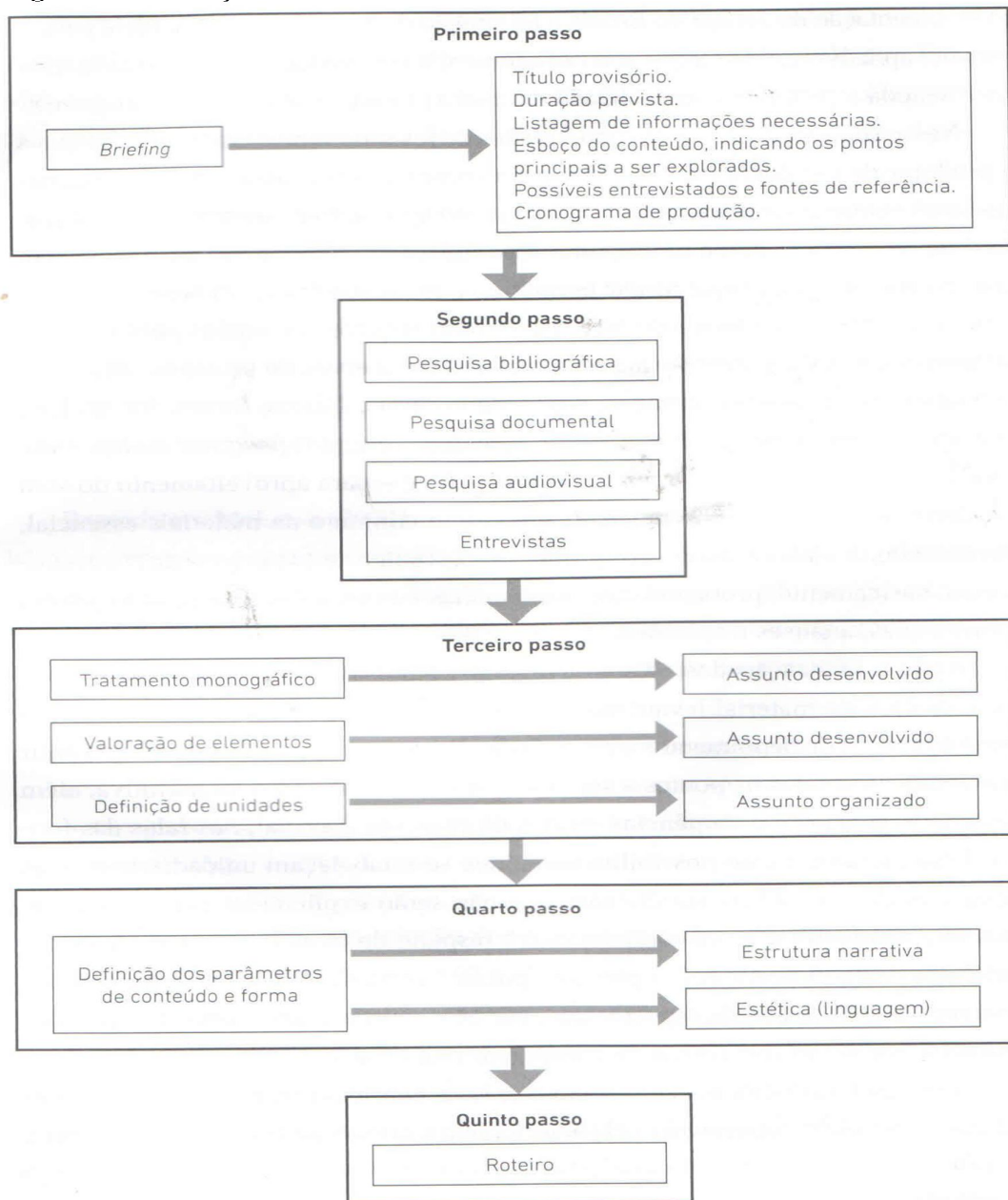
deve ter um objetivo declarado do que se pretende apresentar, para não se perder nas decisões a serem tomadas durante a realização. Outro ponto importante é entender, desde o início, que o roteiro não é uma obra acabada, pois durante a execução ou edição com certeza irão surgir alterações. (FERRARETTO, 2014).

McLeish (2001) também destaca como relevante determinar a duração do produto, para saber o quanto de material é necessário coletar, tendo em vista se vai ser realizada uma abordagem mais completa ou superficial sobre o assunto.

Para facilitar a execução do projeto, o ideal é listar os tópicos e conter as decisões técnicas, saber o caminho certo para não se perder. Entre os tópicos devem constar: um título para o produto, mesmo que seja provisório; duração; informações já existentes sobre o tema pesquisado; o conteúdo previsto; os pontos principais a serem abordados; as fontes de entrevista; as fontes de referências e sonoras e trilhas previstas. (MCLEISH, 2001).

Através da Figura 1 é possível ver o passo a passo de como se realizar um documentário.

Figura 1 – Produção do Documentário



Fonte: Ferraretto (2014, p. 228).

A esse respeito, observa-se que o primeiro passo é saber a duração do produto, ter um título provisório, saber quais fontes poderão ser utilizadas, definir o lado (ponto de vista) a ser abordado do assunto e o cronograma de produções. (FERRARETTO, 2014).

O segundo passo é realizar as pesquisas bibliográficas, documental, audiovisual e realizar as entrevistas, assim terá todo o material baseado em fatos concretos de que se necessita para o produto, a fim de favorecer posteriormente o desenvolvimento do roteiro. (FERRARETTO, 2014).

Com as pesquisas realizadas, parte-se para o terceiro passo, que é a definição do que será usado, o desenvolvimento e organização do material para o radiodocumentário, sempre dentro do que havia sido previsto no planejamento. (FERRARETTO, 2014).

O quarto, observa o autor, é definir os parâmetros de conteúdo, a estrutura narrativa e a linguagem que será utilizada, mais formal ou coloquial, dependendo do público de interesse do produto.

O último passo é o roteiro, que, com todas as informações já definidas e coletadas, se torna muito mais fácil de fazer. É o momento de se reunir os dados a partir de uma cronologia definida, argumentos e contra-argumentos e estabelecer a lógica narrativa, decidindo sobre a locução e a edição do produto. (FERRARETTO, 2014).

A partir dessas orientações, será realizada a produção do radiodocumentário Além das 4 linhas: A arbitragem no futebol brasileiro, cujo desenvolvimento será descrito no capítulo seguinte.

4 DESENVOLVIMENTO

Este capítulo segue as etapas de planejamento e execução de radiodocumentário elaboradas por Ferraretto (2014) e McLeish (2001), a fim de realizar a produção do radiodocumentário Além das 4 linhas: A arbitragem no futebol brasileiro, produto deste Trabalho de Conclusão de Curso.

As etapas, a serem descritas a seguir, envolvem a produção de uma ficha de planejamento ou briefing; pesquisa e coleta de depoimentos; análise do conteúdo coletado na etapa anterior; definição de parâmetros de conteúdo e forma; e, por último, o roteiro, gravação e edição.

4.1 BRIEFING

Título provisório: Além das 4 linhas: A arbitragem no futebol brasileiro.

Duração: Entre 27 e 30 minutos.

Informações: No Brasil, a arbitragem de futebol não é considerada uma profissão do ponto de vista legal. Com isso, muitos árbitros necessitam de outra fonte de renda para se manterem financeiramente quando não são escalados para trabalhar.

Esboço de conteúdo: Descrição da atividade de árbitro de futebol no Brasil. Identificação na legislação federal e nos regulamentos da CBF, FPF, FIFA da atuação e funções do árbitro de futebol. Levantamento de histórias de brasileiros que atuam na arbitragem de futebol, por meio da identificação de suas dificuldades e motivações para atuarem. Descrição do relacionamento da arbitragem com jogadores de futebol, torcedores e imprensa. A arbitragem e a tecnologia. O curso de árbitro.

Pontos principais: A atividade de árbitro de futebol não é reconhecida legalmente como profissão no Brasil? Quais são as garantias financeiras e medicas que um árbitro tem? O que mudaria em caso da profissionalização da arbitragem de futebol?

Fontes de entrevistas: José Cláudio Rocha Filho, Personal Trainer, árbitro da CBF. Rogério Barrichelli, jornalista atuante no rádio há 15 anos. Setorista de esporte. Ademir Leonel, jornalista atuante há 40 anos. Setorista de esporte. Flavio Rodrigues de Souza, árbitro aspirante à FIFA. Roberto Perassi, professor, ex-árbitro e dirigente da Federação Paulista de Futebol. João Gabriel Falcade, jornalista recém-formado, proprietário do site Linha Esportiva, dedicado ao esporte. Gedersson Fini, empresário do setor de serviços. Torcedor fanático por futebol, favorável ao uso da tecnologia na arbitragem. Leonardo Kataoka, comerciário do setor de serviços. Torcedor fanático por futebol, favorável à profissionalização. Enquete com torcedores selecionados aleatoriamente.

Fontes de referências (documentos e livros): Para futebol: Os números do jogo. Para arbitragem: Livro de regras da Federação Paulista de Futebol.

Fontes de conteúdo sonoro: serão utilizadas trechos do Youtube de narradores, efeitos de apitos e de torcida, para se aproximar do clima de um estádio, além dos áudios das entrevistas.

4.2 PESQUISA E COLETA DE DEPOIMENTOS

Para obter dados, primeiramente foi realizada pesquisa bibliográfica e documental a partir de livros e documentos sobre rádio, futebol e arbitragem no futebol, que serão os temas abordados no produto, sendo consultados os seguintes autores: Ferraretto (2001; 2014); Barbeiro (2001); Jung (2004) Prado (2012), entre outros.

Através dessa pesquisa, conseguimos compreender o papel do rádio por meio de sua história e desenvolvimento do jornalismo, os gêneros radiofônicos e seus formatos, especificamente o formato de radiodocumentário – tema deste trabalho - bem como a sua forma de realização, a ser descrita a seguir.

De acordo com Ferraretto (2014), a coleta de dados existe de diversas formas seja em entrevistas, pesquisas bibliográficas, pesquisa documental, pesquisa audiovisual. A coleta de depoimentos foi realizada por meio de entrevistas com

árbitros, dirigentes e profissionais da imprensa, a partir dos temas e questionamentos indicados no briefing.

As entrevistas foram realizadas de diferentes formas, por telefone, pessoalmente e pelo aplicativo Whatsapp. Ao total, foram coletados mais de cinquenta minutos de gravações a partir das fontes consultadas. Apenas uma não cumpriu o combinado e a entrevista não foi realizada.

Do total de fontes, três foram contatadas pessoalmente, por serem da mesma cidade que a deste pesquisador e por isso o agendamento com os entrevistados foi facilitado. Duas foram realizadas por telefones, utilizando os estúdios do Laboratório do Rádio da Universidade do Sagrado Coração, em Bauru – SP, para conseguir gravar a ligação. Ambos eram de cidades distantes e sinalizaram com a possibilidade do contato telefônico. Outras três foram realizadas pelo aplicativo Whatsapp através do envio de áudios. Isto ocorreu pela falta de disponibilidade de horário das fontes, sendo a única maneira de realizar a entrevista.

4.3 ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL

A partir de todos os dados obtidos, através das pesquisas e entrevistas, foi realizada a leitura e audição do conteúdo obtido para a avaliação do que poderia realmente ser utilizado para a realização do radiodocumentário.

Primeiro, foram separados os dados obtidos em livros e reportagens consultadas. As informações que correspondiam à previsão do briefing foram destacadas. Depois, foram realizadas as decupagens das sonoras (APÊNDICE A), o que permitiu identificar os trechos de áudios que poderiam ser utilizados e os que serviriam apenas de consulta para a redação do roteiro.

4.4 ESTRUTURA NARRATIVA E ROTEIRO

Com base na linguagem dos entrevistados e do público de interesse, compreendido por pessoas que têm interesse por futebol, independentemente da idade, a decisão foi por escrever o produto em linguagem mais informal, que é a utilizada nos programas esportivos e que, de acordo com a experiência deste autor como repórter de rádio, é a que mais agrada o ouvinte.

Também nessa etapa foi definida a estrutura narrativa que seria seguida, para o ouvinte acompanhar a história e os argumentos narrados. O roteiro começou com uma enquete sobre a visão que as pessoas têm da arbitragem, depois a apresentação do tema: a arbitragem e o problema decorrente da falta de profissionalização; passou para as dificuldades enfrentadas pelos árbitros; depois, envolveu a opinião da imprensa e dos torcedores sobre o tema; em seguida, foi tratado o aspecto do uso da tecnologia pela arbitragem; com base nos dados coletados, foi realizada a interpretação deste pesquisador sobre o tema; e, por fim, indicado como uma pessoa deve fazer para se tornar árbitro.

Com todas as informações definidas sobre a estrutura textual, o roteiro foi redigido e nele indicadas as ilustrações sonoras, os efeitos e demais inserções sonoras, a fim de facilitar a edição. O roteiro resultou em oito laudas. (APÊNDICE B).

4.5 GRAVAÇÃO E EDIÇÃO

Por avaliar que minha voz não era adequada ao produto, convidei o Vinicius Andrade um colega de rádio para realizar a narração, de forma a torná-la mais agradável.

A gravação foi realizada nos estúdios da rádio Piratininga de Jaú e demorou cerca de duas horas para ser finalizada.

A edição foi realizada na rádio da Universidade do Sagrado Coração, com auxílio dos técnicos Leandro Zacarim e Alexsandro Costa, e demorou muito para ser feita por conta de ajustes na estrutura. Precisei de mais de quinze horas pra finalizar

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema foi influenciado pela minha própria vivência no futebol. Tenho amigos árbitros que sempre se queixarem do fato de não se ter nenhuma garantia para apitar e, ainda, que a maioria dos torcedores nem sabia desse fato, apenas reclamava dos árbitros e não pensava nem um pouco em o que eles passavam para estar ali.

Levando em conta meu objeto de pesquisa e a questão problema, ao meu ponto de vista consegui cumprir com meu objetivo de passar para os ouvintes as dificuldades por que passa a arbitragem no Brasil pelo fato de não ser uma profissão de carteira assinada.

E realmente não é fácil seguir a carreira de árbitro de futebol, pois a maioria deles depende de uma segunda profissão para conseguir sobreviver, e essa outra atividade acaba tomando o tempo que seria dedicado ao preparo para as partidas.

Nas entrevistas realizadas com jornalistas, torcedores, árbitros e dirigentes foi praticamente unânime a opinião favorável à profissionalização da arbitragem, seus argumentos em geral se voltaram ao tempo para o árbitro se preparar, o que confirmou as hipóteses.

O projeto foi um desafio pessoal. Nunca havia escrito nenhum roteiro sozinho durante toda a faculdade, mas com a colaboração de colegas, por meio da atuação em equipe. Ao me deparar com um TCC individual, senti dificuldades, o que me obrigou positivamente a procurar livros para estudar, para que pudesse ter conteúdo para redigir este relatório.

Fui percebendo a evolução quando decidi me esforçar mais, atendendo às observações de minha orientadora. Isso deu certo e em pouco tempo a escrita começou a evoluir. Fui aprendendo a lidar com livros, citações e normas técnicas.

Em minha opinião, o que mais valeu a pena em fazer este radiodocumentário. Foi eu descobrir que era capaz, superar meus medos, pois sempre disse que jamais conseguiria fazer algo sozinho - até pessoas próximas a mim duvidavam que eu conseguiria. Isso foi a maior motivação para conseguir escrever e me dedicar a tanto tempo de leitura. Foi mais que um trabalho, um desafio pessoal que eu não poderia perder.

Por toda essa caminhada, avalio que a grande contribuição, além do meu desenvolvimento pessoal, é que este produto leve aos torcedores o contexto sobre as dificuldades da arbitragem. Muitos nem sabem que não é uma profissão, avaliam que árbitro é igual jogador de futebol que ganha milhões. O produto tenta desmistificar isso e mostrar que o árbitro é como um ser humano qualquer, mas que vive uma pressão psicológica enorme, por conta das responsabilidades e da ausência de profissionalização.

Entendo que este trabalho contribua, com olhar jornalístico, para o entendimento de que o profissional árbitro de futebol deve ter as garantias necessárias trabalhistas para atuar com dignidade e qualidade, para um futebol melhor.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, L. H. N. Futebol, voleibol, natação e corrida estão entre os esportes favoritos dos brasileiros, revela pesquisa Diesporte. **Move Brasil**, 2016. Disponível em: <http://www.movebrasil.org.br/blog/diesporte_dados_pesquisa.aspx>. Acesso em: 16 mar. 2016.

ÁRBITRO relata ofensas e agressão de Dudu após expulsão no clássico. **Globo Esporte**, 2015. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2015/05/arbitro-relata-ofensas-de-dudu-apos-expulsao-atacante-pode-se-complicar.html>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. **Manual de radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BRASILEIRO teve ao menos um erro grave de arbitragem por rodada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 set. 2015. Esporte. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/09/1678210-brasileiro-teve-ao-menos-um-erro-grave-de-arbitragem-por-rodada.shtml>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

CHAVES, G. R. G. A radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999). 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/napead/repositorio/objetos/fases-da-publicidade/textos/agenciaria_02.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2016.

DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. Arbitragem. **FPF**, 2016. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/Arbitragem>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

FELICE, M. **Jornalismo de rádio**. Brasília: Thesaurus, 1981.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FUZZI, L. P. O que é pesquisa de campo? **Metodologia Científica**, 2010. Disponível em: <<http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/03/o-que-e-pesquisa-de-campo.html>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

JUNG, M. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARINHO, B. Arbitro que não viu gol em clássico é ameaçado de morte por vascaínos. **Extra**, 2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/esporte/vasco/arbitro->

que-nao-viu-gol-em-classico-ameacado-de-morte-por-vascainos-11633987.html>. Acesso em: 15 mar. 2016.

MCLEISH, R. **Produção de rádio**: um guia abrangente da produção radiofônica. Tradução Mauro Silva. São Paulo: Summus, 2001. (Novas buscas em comunicação; v. 62).

MEDEIROS, R. **O que é radioteatro**. Florianópolis: Insular, 2008.

MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1994.

PIMENTEL, V. Arbitro de Futebol vira profissão regulamentada no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 out.2013. Esportes. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,arbitro-de-futebol-vira-profissao-regulamentada-no-brasil,1084733>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

PORCHAT, M. E. **Manual de radiojornalismo Jovem Pan**. São Paulo: Ática, 1989.

PRADO, M. **História da rádio no Brasil**. São Paulo: Da Boa Prosa, 2012.

VELLOSO, M. **Mário Lago**: boemia e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

ZUCOLOTO, V. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.

APÊNDICE A - Transcrições das entrevistas

Entrevista 1

Meu nome é José Claudio Rocha Filho, tenho 38 anos, estou na arbitragem desde 2004 por tanto 12 anos, eu como estudante de educação física e apaixonado pelo futebol, sempre joguei futebol até as categorias de base do XV de Jau e após isso continuei jogando futebol no clube, nos campeonatos amadores e na faculdade de educação física apareceu a matéria futebol e alguns amigos que faziam o curso me motivaram a fazer o curso junto e ingressei na escola de arbitro Flavio Viazeti que é a escola de formação da federação paulista de futebol no ano de 2004 e estou ai até hoje.

Eu sou educador físico é trabalho na modalidade de *personal trainer* mas no momento sou empresário, sou dono de uma academia, e exploro a modalidade personal trainer já há 5 anos como empresário, e há 12 anos, minto há 16 anos já trabalho com personal trainer

Realmente é uma coisa que hoje é um pouco difícil mas, você falo em 2 profissões né, eu considero o profissional de educação física, o educador físico como uma profissão, arbitragem não é uma profissão, é um hobby, uma ocupação e pra conciliar os dois, quando tem jogos no meio de semana e eu tenho que sair e ponho alguém pra trabalhar no meu lugar, pago pra essa pessoa pra ministrar as aulas no meu lugar, e ai consigo assim conciliar as 2 atividades.

Com certeza sim né porque os jogadores treinam todos os dias, a equipe está junto todo dia, eles tem uma afinidade maior, nos árbitros não, nos campeonatos estaduais a gente se encontra duas horas antes, na hora que chega o estádio, na hora do jogo e ai começamos a ter alguma afinidade ali, lógico que já conhecemos de algum outros jogos, mas na verdade não treinamos juntos, não temos as mesma ideias no momento La, mas o que posso dizer é que se profissionalizar a arbitragem teremos muitos avanços, inclusive nos critérios adotados nos jogos e a diminuição de erros seria bem grande.

O árbitro de futebol possui sindicato sim, o SAFESP é o Sindicato dos Árbitros de Futebol no Estado de São Paulo, mas não temos auxilio assim que nos ampare pra alguma coisa, uma ajuda financeira durante os anos ou durante alguma

inatividade por lesão ou por qualquer outro acontecimento que possa acontecer e aí não temos auxílio não, isso aí fica a parte, temos também a ANAF, que é a Associação Nacional dos Árbitros de Futebol, que também fica na mesma, não nos ajuda assim em, talvez uma ajuda jurídica isso ocorre nos dois sindicatos quando ocorre algum problema de sumula, alguma coisa no superior tribunal de justiça desportiva, aí sim, ocorre uma ajuda do sindicato, mas ajuda financeira pra qualquer outro tipo de situação não.

Não adianta, o sindicato de São Paulo, o sindicato a associação nacional dos árbitros, também, eles sempre ficam, umas entidades que ficam em cima do muro né, não ajuda de forma nenhuma financeiramente,

Apitar futebol é paixão é emoção a gente tem que fazer uma coisa que gosta, que está no sangue tem um pouco de talento, se tiver a fim de começar ia atrás procurar se dedicar, estudar bastante estar sempre bem fisicamente, porque os jogos estão muito veloz exigindo muito do físico do arbitro o jogo tá muito técnico, tá exigindo bastante conhecimento técnico, o jogo também bastante mental, porque pressão, pressão de torcida, a pressão durante o jogo tá exigindo bastante do árbitro de futebol, então pra aquele que quer começar, vem e venha com vontade porque precisa sem de sangue novo, e precisa de alguma forma pessoas que estejam assim de ajudar a arbitragem.

Nós somos submetidos há de dois a três testes físicos durante o ano todo, teste esses de alta intensidade, que exige muito do físico do arbitro, testes padrão FIFA que obrigam os árbitros há percorrer algumas distancias em altas velocidades com recuperações curtas, pra testar mesmo sua capacidade física.

Os testes são feitos em São Paulo, em Campinas ou em alguma outra cidade que disponibiliza a pista de atletismo pra que seja feito o teste, mas durante a semana mesmo, não tem nada de final de semana não, sempre por conta própria o transporte a hospedagem, tudo por conta do arbitro

Eu sou a favor sim, a favor que se use a tecnologia em prol da arbitragem e pra se possa arrumar as situações nas quais as dúvidas apareçam e resolvam elas mais rápida possível pra que o jogo tenha uma continuidade e mantenha a fluência e o resultado seja validado. Eu sou a favor sim da tecnologia no futebol pois através dela algumas situações que fogem ao olho humano a percepção humana, acabará essa dúvida e mostrará através de imagens.

Entrevista 2

Meu nome é Flavio Rodrigues de Souza, estou na arbitragem desde 2003, foi o ano que eu fiz o curso em 2003, hoje eu estou com 36 anos, na época eu tinha 23 anos no começo do curso.

O que motivou foi gostar de futebol, sempre gostei de futebol né, e minha Irma trabalha ainda na federação paulista de futebol na área de arrecadação La, enfim e por ter essa proximidade junto com a federação, algum conhecido na época, falou pó você deveria fazer o curso de arbitragem e aí eu me propus a fazer e estou ai até hoje.

Hoje eu só estou vivendo da arbitragem, mas durante a maior parte da minha carreira eu administrei com outras profissões, até chegar um momento que a arbitragem impactou diretamente nas outras profissões.

É realmente deveria profissionalizar, pra ter um respaldo realmente, a gente que é responsável por tudo né, se você tiver uma lesão hoje você não estará apto a atuar nas partidas e consequentemente você não terá nenhum retorno financeiro, porque você ganha por jogos somente, caso você não faça jogos você não terá nenhum tipo de ganho, então nesse sentindo urgentemente deveria ter uma profissionalização pra que o arbitro tivesse mais respaldo , porque quem está hoje nisso, é porque acredita, se prepara, tenta evitar que certas lesões aconteçam, então é todo um trabalho de retaguarda pra que nada disso aconteça.

Então, particularmente isso não me afeta, quando eu entro em campo eu não vou pensar se eu vou ganhar ou não, mesmo porque eu sou formado em publicidade, trabalhei em grandes empresas, multinacionais na área de representação e caso venha acontecer algum grande problema, onde eu vou ficar muito tempo fora, infelizmente assim pra carreira eu vou ter que recorrer a outro serviço e é o que aconteceria, então é assim, eu não entro pensando se tiver algum problema que eu não vou ganhar mais, quando eu penso, quando eu penso em não ter problema justamente na sequência da carreira pra que você se projete lugares mais altos e pra isso você terá que ter uma sequência boa de jogos né, então pra mim não afeta a questão de eu saber se eu tiver fora não vou ter o que ganhar

É os jogos no meio de semana ele acaba atrapalhando um pouquinho na questão de treino, que se um jogo é na quarta feira você viaja na terça feira a noite e volta na quinta do outro dia, então na segunda você já não vai treinar, se você tem jogo domingo você faz mais o descanso, alongamentos e fortalecimentos, trabalho de prancha, esse tipo de coisa, e mais fortalecimento, você não faz um treino muito forte em grama em corrida, pra você não sobre carregar que você está naquela fase de descanso caso você tinha tido jogo no final de semana e outro meio, agora caso você tenha tido uma semana de intervalo, entre um jogos e outros né ou mais que acontece, comum que acontece, eu mesmo tô numa situação agora que faz um tempo que eu não apito, mas eu tenho feito quarto arbitro, que também é trabalhar né e financeiramente isso conta também, ai você se prepara como um atleta mesmo correndo, fortalecendo musculação.

Eu faço campeonato paulista, faço campeonato brasileiro, atuo na série A do campeonato brasileiro, apesar de que eu apito pouco jogos, esse ano fiz 4 jogos somente, sou um arbitro hoje aspirante a FIFA né de são Paulo, e fiz 14 jogos no campeonato paulista, fiz a final do campeonato paulista esse ano, então de certa forma eu tenho uma boa sequência de jogos e grandes jogos assim, e ai você acaba abrindo mão de outras coisas né por viver esse sonho, e também financeiramente pelo jogos que você faz, e acaba dando um valor onde você consegue sobreviver digamos assim.

Pra quem quer começar na carreira de arbitro, bom o que eu diria é o seguinte, tem que gostar, tem que já saber que vai abrir mão de muitas coisas, abrir mão de final de semana, muitas vezes abrir mão de família, a família ou quem estiver com você, tem que ser uma pessoa compreensiva, pra entender os seus motivos, pra entender suas ausências quando ela tiver, tem que ter muita paciência, é um trabalho de longo prazo, isso eu to dizendo pra quem almeja chegar na série A do campeonato brasileiro, aspirar uma FIFA que é o meu caso hoje, tem que ter muita paciência até hoje a gente tem que ter, porque a gente acha que pode ir mais, mas não é bem assim, tem outros árbitros, então é uma carreira que tem que ter paciência, tem que ter prazer no que faz né, tem que ter uma retaguarda familiar, tem que preparar também pra caso não dê certo, porque isso é totalmente normal acontecer, a minoria chega no patamar de FIFA né, então tem que se programar pra isso, se possível tiver algo que de pra conciliar que faça, algo que de pra conciliar

não é fácil, mas se poder montar um negócio que ande bem e que não seja algo tão grande e conseguir conciliar é o ideal né, e é isso, mas apesar das dificuldades é uma carreira muito prazerosa também, você viaja, você conhece lugares, você conhece pessoas, você participa do espetáculo futebol, que é uma coisa que todo brasileiro gosta e todo arbitro sem dúvida nenhuma gosta, ele pega gosto por isso, de estar nos grandes jogos, é sofrer e amar ao mesmo tempo

Entrevista 3

Roberto Perassi, tenho 54 anos, na arbitragem desde os 17 anos, eu tenho, 40 anos na arbitragem.

Eu sou diretor de desenvolvimento da arbitragem, e sou ouvidor da arbitragem, dos clubes.

Basicamente a motivação se deu por gostar do esporte, é gostar do futebol, viver no meio do futebol entendeu desde de garoto, então o que motivou basicamente foi isso, é gostar do futebol né, gostar do esporte.

Foram vários jogos importantes, mas eu acredito que a final do campeonato paulista de 94 que foi palmeiras x Corinthians, pra mim talvez tenha sido a mais marcante.

Sou professor de língua e literatura, no caso hoje ex arbitro, atuando na parte administrativa por assim dizer, compartilhar os horários, fazer com que a gente tenha os períodos NE, eu leciono no período da manhã por exemplo e durante a tarde e noite eu me dedico a federação paulista de futebol, a CBF a sul-americana e a FIFA quando eu estou fazendo os trabalhos, quando eu viajo para fazer os jogos, normalmente a gente sai para fazer os jogos em outros estados, campeonato brasileiro, em outros países no caso da copa libertadores ou até mesmo as eliminatórias da copa do mundo, ai a gente tenta conciliar da melhor maneira.

Muito importante, apoio sim, a profissionalização da arbitragem é um caminho que vem sendo conquistado aos poucos, ainda demora por conta até das leis trabalhistas do nosso país, que tem certa lentidão pra que a coisa aconteça, mais a profissionalização do arbitro ela seria para arbitragem fundamental porque ele se dedicaria exclusivamente a trabalhar a arbitragem, aos treinamentos aos estudos, é lógico que não é colocar o nome em uma carteira profissional ou qualquer situação

assim que faria com que os erros simplesmente acabasse, não mas teria a oportunidade dos árbitros se dedicarem principalmente aqueles que forem os profissionais, se dedicassem mais aos seus treinamentos, aos seus estudos, as orientações, a estar ligados como qualquer outro profissional que tenha essa possibilidade de atuar apenas naquela sua função na sua profissão.

Não tenha nem dúvida, é claro que se todas as categorias se unissem em prol do futebol, porque a questão não é só em prol do árbitro e da arbitragem NE, mas em prol do futebol, nós temos em alguns países, onde existe o sistema profissional, não por todos os árbitros do país porque no nosso caso seriam muitos árbitros, mas pelo menos com aqueles árbitros que atuam nas principais competições profissionais, aquelas competições que são mais importantes, naquelas competições cujo investimento dos clubes é um investimento alto pra que se de repente um equívoco, um erro de arbitragem, acabe por abaixo todo um trabalho realizado, todo o investimento feito, e as vezes isso acaba acontecendo porque você tem ali seres humanos atuando, passíveis de erro né, e acaba por como eu disse e repito apenas para ratificar, acaba colocando por terra a abaixo, as vezes um trabalho de toda uma competição ou mesmo numa fase de classificação .

Eu acho que as coisas devem caminhar juntas, porque o futebol hoje né, esse esporte chamado futebol, essa paixão chamada futebol, evoluiu muito no aspecto da velocidade, no aspecto físico, você tem hoje muito mais contato e você tem também uma velocidade muito maior que os jogadores imprimem, portanto necessita de um árbitro com uma melhor condição física, técnica, mental, social, são todos os pilares esses que a FIFA inclusive exige a pessoa e difunde, além de tudo isso tem a tecnologia que não está ligada a arbitragem, que é a tecnologia das câmeras colocadas em pontos estratégicos do estádio, existem competições que são mais de 40 câmeras, quer dizer são 40 câmeras competindo com alguns olhos que estejam ali e realmente essa competição, seria absolutamente diferente, não daria pra competir com a tecnologia.

Primeiramente você tem que gostar do esporte, primeiro você tem que gostar do futebol, ser um amante do futebol, porque quem vai fazer a arbitragem do futebol, gosta do esporte, quer ver o crescimento do esporte, a justiça a legitimidade de resultados, lógico que também vai atrás de uma profissão, mesmo que não seja ela regulamentada hoje, não deixa de ser uma atividade importante, não deixa de ser

uma atividade que tem certo rendimento, principalmente depois que você atinge o ápice, que você atinge uma condição de alto nível e passa a fazer partidas de alto nível, você também tem um rendimento interessante, não resta a menor dúvida e lógico ter coragem né, pra ser arbitro de futebol você precisa ter coragem, você precisa ter liderança, são pré-requisitos importantes e não precisa ser profissional de determinada área não, não precisa ser ligado a parte de educação física, qualquer profissional, qualquer pessoa, desde que tenha uma faixa etária compatível para a função e tenha uma condição física compatível pra função porque você precisa estar bem fisicamente lógico não pode ter nenhum tipo de problema de anomalia que não seja compatível para a função, qualquer pessoa pode se inscrever na escola de arbitragem, fazer o curso de arbitragem e a partir daí seguir nesta carreira e repito, embora não seja, regulamentada ela já é, embora não tenha La uma assinatura numa carteira profissional, não deixa de ser uma função importante pro esporte.

Depende do país, nós estamos falando do Brasil né, no Brasil existem algumas entidades ligadas aos árbitros, como os sindicatos as associações, mas elas ainda não dão pros árbitros uma condição em caso de uma contusão, seja no jogo, seja no treinamento, seja um acidente em um traslado em uma viagem, enfim qualquer situações como essa de ter uma garantia... cortou... se o arbitro depende exclusivamente da arbitragem, não tem nenhuma outra função, não tem nenhuma outra profissão e passar por esse problema ele está fadado a contar com a ajuda de terceiros, mas por enquanto não de qualquer associação ou sindicato ou qualquer coisa assim ou federação, é no momento é um tanto enquanto difícil, tem seguros pros árbitros e tal, mas não é uma quantia relevante pra que eles possa se sustentar , por contusão que ele venha a ter.

Exato, não tem, a não ser que se tenha o sistema de profissionalização, que garanta a ele um rendimento, durante aquele mês, independentemente de quantas partidas ele apitar, ai ele tem certa garantia, enquanto isso não existir o arbitro continua ganhando pelas partidas apitadas, somente quando ele apitar, e nessas condições que eu acabei de dizer, por isso que o público, é muito importante esse seu trabalho, para que o público saiba que os percalços pelos quais passa um árbitro de futebol e ele é um ser humano como outro qualquer, ele tem família, ele tem uma vida social, ele é um ser humano como outro qualquer, e no campo de jogo, comete La seus equívocos enfim e outra são várias as categorias, você tem o

arbitro iniciantes, aquele arbitro que está aprendendo ainda, que está no processo de formação, hoje por exemplo em são Paulo, são 4 categorias, que são os árbitros avançados, aquele que apita a série A1, série A2 do paulista, os árbitros intermediários, os árbitros principiantes, aqueles que fazem, estão fazendo a escola de arbitragem, são Paulo hoje tem aproximadamente atuando 380 árbitros, divididos nessas categorias, é bastante gente né, e passando por essas..., mas de qualquer maneira estão lá porque gostam, ninguém foi na casa do arbitro chamar pra fazer curso de arbitragem pra trabalhar na arbitragem, não, ele está lá porque ele gosta do futebol, gosta do esporte, porque ele gosta da arbitragem, ele está por paixão, como qualquer paixão e muitas vezes ele vai batalhando, e tem o objetivo de chegar o mais alto que ele possa e passa por cima de todos esses percalços, porque quem gosta daquela função que exerce, passa por cima de todas as adversidades

Fazendo partidas importantes, ele tem um ganho mensal dependendo do número de partidas que ele faça, um ganho mensal até interessante, tendo em vista o salário do povo brasileiro de uma maneira geral, mas não se compra jogadores também de alto nível.

Entrevista 4

Meu nome é Rogério Barricheli, faz 17 anos que eu trabalho na rádio Piratininga, propriamente dito 15 anos com o XV de Jau, em relação a arbitragem eu acho que não é uma arbitragem tendenciosa eles não eram porque eles querem, eles erram porque eles são ruins realmente, eles podiam ser um pouco mais preparados eles os árbitros e quando eu digo mais preparados eles podiam ter mais instruções e ter mais cursos e ter mais até didática que eu acho que ajudaria um pouco mais durante os jogos.

Em relação a profissionalização dos árbitros eu acho que não é bacana mais no fim vai acabar acontecendo isso daí, os árbitros serão profissionalizados, se imagina com a tecnologia que nós temos hoje 500 câmeras em um jogo só, de todos os ângulos, e de repente um assistente erra em um impedimento e essas câmeras estão mostrando tudo pra um mundo todo que ele está errado, hoje que eles não são profissionalizados já é difícil se imagina os comentários logo após a profissionalização deles, então vai surgir muito isso, mas espera um pouquinho, os

árbitros antigamente erravam e não eram profissionais mas hoje eles são, eles tem como obrigação acertar, isso é o cumulo porque afinal de conta é fração de segundos eles são seres humanos, eles árbitros, e depois que você viu na televisão no replay, fica mais fácil que nem esses comentaristas que nós temos de televisão, fica tudo mais simples mas o árbitro tem fração de segundos para decidir se é bola na mão, se é mão na bola, enfim, eu não sei se eu seria a favor da profissionalização da arbitragem, mas que isso futuramente vai acontecer isso eu não tenho duvida

Entrevista 5

Meu nome é Ademir Leonel, cronista esportivo há 40 anos, uma curiosidade para todos vocês, no ano em que nasci o XV conseguiu acesso pela vez primeira na sua história, e quando iniciei minha carreira no jornalismo esportivo ele que havia sido rebaixado, obtive novo acesso, então o senhores já perceberam que eu nasci predestinado a ser um fervoroso torcedor do meu XV de Jau, sou um apaixonado sim pelo meu time, e felizmente em tenho em mãos um microfone que me permite extravasar e levar emoção e alegria a nossa grande torcida.

O assunto é este, profissionalização de árbitros de futebol, olha a classe diz que precisa, o sindicato defende a ideia afirmando que só assim os árbitros poderiam se dedicar integralmente a carreira, treinando mais e coisa e tal, como se eles não tivessem tempo pra fazer os treinamentos, tempo eles tem de sobra.

Eu particularmente acho que não e eu explico, um arbitro da FIFA recebe por partida 3450 reais, livres de todas as despesas de viagem e de alimentação, no Brasil nos temos futebol praticamente todos os dias de segunda a domingo e se nos imaginarmos que um arbitro apite 4 partidas por mês ele recebera livre a mísera quantia de 13.800 reais que convenhamos não é pouco. Então ele não precisar dedicar a outra profissão e nem teria tempo pra isso, em função das viagens, quer dizer na quarta ele apita um jogo em Belém do para na sexta em apita um jogo em porto alegre de norte a sul do Brasil Ele tem que se deslocar, e isso demanda tempo, então eu acho que eles vivem, acho não tenho certeza que eles vivem como profissionais do apito, ganhando isso não há necessidade realmente de outra profissão.

Vocês podem observar, quando a imprensa identifica um árbitro da partida no quesito profissão é aquela história.

A vida de arbitro eu acho que é uma das piores que existem não só no mundo esportivo mas de maneira geral, é muito ingrata a tarefa de você ser arbitro sem que isso seja sua profissão, os caras tem outras ocupações tem que se preparar para os trabalhos entres aspas oficiais que eles tem que fazer a semana toda e no fim de semana ou meio de semana tem um jogo muito importante que movimenta milhões de torcedores o cara tem que fazer tudo certinho sem está preparado pra isso é muito ingrata a tarefa e acaba sendo muito injusto com eles, profissionalizar o arbitro é questão de lógica, é obvio que isso tem que acontecer, como é que você pode exigir uma postura profissional e o índice de acerto profissional também sem que o cara tenha uma formação nesse nível é incoerente, não tem lógica, então ou você profissionaliza e cobra ou você continua do jeito que está e não tem direito de cobrar, como que você quer que um dentista que estuda a arcada dentaria de alguém vai querer a capacidade espetacular de arbitragem, que o cara tenha preparo físico e mental pra tarefa não tem como, a profissionalização tem que acontecer pra ontem , não é de se pensar muito não, é questão de lógica, necessidade

Entrevista 6

Meu nome é Leonardo Kataoka, acompanho futebol desde os doze anos, sou a favor da profissionalização dos árbitros, porque atualmente no futebol vem sofrendo muito com os erros de arbitragem eu acredito que por conta das profissões fora de campo, eles se preocupam, então eles acabam se preocupando mais e acabam levando problemas para dentro de campo, e acabam não tendo esse tempo para se preparar para o futebol, então acredito que com a profissionalização eles terão mais tempo para se preparar psicologicamente, fisicamente e poderão ser realmente cobrados pelo seu erros que possam cometer dentro de campo

Entrevista 7

Eu sou a favor porque eu acho que vai acontecer menos erros de arbitragem e muitos resultados por causa disso são, tem bastante influência do juiz e tendo esse recurso, automaticamente, não vai ter tanto erro assim, e vai ser melhor pro futebol, e as vezes assim se for parar pra pensar vai perder um pouco a graça né, porque não vai ter, vai ter que parar o jogo, parar o lance, pra poder voltar vê o que aconteceu, só que vai beneficiar bastante os times contra os erros que tiverem, por isso que eu sou a favor.

Enquete

Eu acho que a arbitragem no futebol brasileiro principalmente é muito complicado você fazer um parâmetro porque como não é profissionalizado então muitos não se preocupam que aquilo não é a fonte de renda deles, mas assim, em alguns casos principalmente no brasileirão deste ano, casos vergonhosos de arbitragem de erros de arbitragem e assim as vezes a gente pensa que não mais são casos que podem definir um resultado de um campeonato então eu acho que se for pra melhorar, mudar alguma coisa tem que começar La de trás e mudar bastante pra conseguir alguma coisa porque são erros graves e são constantes também, toda rodada geralmente tem um erro e eu sou a favor da profissionalização da arbitragem porque eu acho que seria uma forma também de profissionalizar um pouco mais até mesmo o futebol, né porque a gente até comenta que jogadores do Brasil mudam o estilo de jogar depois que vão pra Europa, porque La a arbitragem é diferente então eu acho que se profissionalizar essa história de jogador brasileiro cai cai pode mudar também né, porque talvez seja mais rigoroso e os jogadores fiquem mais espertos.

Arbitragem no Brasil hoje eu acho que é uma vergonha né, porque muitas vezes pega até um protagonismo que seria dos atletas, acaba decidindo muitas partidas por causa dos erros de arbitragem, então isso é uma coisa que é muito ruim para o esporte no Brasil, sobre a profissionalização eu acho que seria um caminho assim também como o uso da tecnologia também que usam em outros esportes como tênis por exemplo só que nesse caso já seria de uma coisa mais mundial n, não somente no Brasil, mas no Brasil específico acho que a profissionalização era um primeiro passo né pra gente poder ter uma arbitragem de melhor qualidade.

Eu acredito que a arbitragem no Brasil passa por uma crise muito grave né, tem sido destaque muito maior que os próprios jogadores e que o próprio esporte e com certeza prejudica o esporte, prejudica o crescimento, prejudica a visão mesmo do esporte, até mesmo para patrocinadores pro público em geral, então eu sou totalmente a favor da profissionalização porque eu acho que os árbitros com dedicação integral ao trabalho vão ter uma qualidade maior no seu trabalho e vão conseguir trabalhar nos jogos de forma mais completa de forma mais dedicada que não acontece hoje e que acaba atrapalhando muito o campeonato

Eu acho que a arbitragem brasileira ela tem sido protagonista ai dos últimos grandes escândalos e decepções além das atuações dos times brasileiros da infraestrutura que o futebol brasileiro tem a arbitragem, não que seja culpa inteiramente da federação ou dos próprios árbitros, mas tem sido ai um dos grandes protagonistas da queda gigante que o futebol brasileiro teve nos últimos tempos e que não é de hoje é eu acredito que o fato também da profissão ser um pouco desvalorizada da infraestrutura do futebol brasileiro também não ajudar e ser precária da CBF não oferecer uma dinâmica legal contribui, mas com certeza a forma que a arbitragem vem se comportando durante os jogos tal ela vem prejudicando bastante o futebol brasileiro não é 100% existem ainda alguns árbitros que salvam mas uma boa parte, eu sou a favor a profissionalização da arbitragem

APÊNDICE B - Laudas

Radiodocumentário: Além das 4 linhas- A arbitragem no futebol brasileiro	1
Deivide Ambrosio	
Duração: 27' 54"	

TÉCNICA	<p><u>SONORA –ENQUETE</u> Tempo: 3' 20"</p>
LOCUTOR –	<p>(Vinicius Andrade) O futebol não nasceu no Brasil, mas sem dúvidas é o esporte dos brasileiros. Isto porque mais de cinquenta e cinco por cento da população tem o futebol como o esporte favorito. Os dados são do Ministério do Esporte.\</p> <p>Mas mesmo com toda a popularidade do futebol no Brasil e o alto investimento dos clubes e federações nas equipes, o que quase ninguém sabe é que, entre todos que estão em campo, o único sem respaldo financeiro ou médico algum é justamente quem dita as regras do espetáculo, o Árbitro.\</p> <p>Como uma atividade que requer tanta responsabilidade e tempo de trabalho entre viagens e jogos não tem ao menos uma carteira profissional assinada? \</p> <p>O professor, ex-árbitro e hoje dirigente da Federação Paulista de Futebol Roberto Perassi está na arbitragem há quase quarenta anos, e conta como faz para conciliar as atividades profissionais e esportivas.\</p>
TÉCNICA	<p><u>SONORA –ROBERTO PERASSI</u> Tempo: 40" D.I: “compartilhar os horários...” D.F: “...da melhor maneira”</p>
LOCUTOR –	<p>(Vinicius Andrade) Por tudo isso, Perassi se mostra favorável à profissionalização da arbitragem. Na opinião dele, a medida daria melhor condição para um árbitro se preparar para as partidas.\</p>
TÉCNICA	<p><u>SONORA –ROBERTO PERASSI</u> Tempo: 1' 09" D.I: “Muito importante...” D.F: “...sua profissão”</p>
LOCUTOR-	<p>(Vinicius Andrade) A profissionalização da arbitragem, no entanto, esbarra na falta de união entre as categorias. Atualmente, não há um movimento que una atletas, dirigentes e sindicatos em torno da aprovação dessa medida.\</p>

Radiodocumentário: Além das 4 linhas- A arbitragem no futebol brasileiro	2
Deivide Ambrosio	
Duração: 27' 54"	

	<p>Um dos argumentos utilizados a favor da profissionalização é que a medida permitiria criar uma seleção de árbitros. Esse grupo seletivo permitiria profissionalizar os que atuam nas principais competições, em que o investimento e a visibilidade são maiores.\</p> <p>Para Roberto Perassi, que também atua pela Cobemol e pela Fifa, a seleção motivaria maior empenho do árbitros para chegar a um patamar de visibilidade, permitindo a eles viver apenas do apito.\</p>
<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –ROBERTO PERASSI</u> Tempo: 51” D.I: “não por todos...” D.F: “...fase de classificação”</p>
LOCUTOR	<p>(Vinicius Andrade)</p> <p>No Estado de São Paulo, os times profissionais são divididos por divisões, que são as séries A1, A2, A3 e segunda divisão. Na arbitragem ocorre o mesmo. Os árbitros são divididos por categorias e, conforme vão tendo boas atuações dentro de campo, vão subindo de categoria. Os valores que recebem por jogo muda de acordo com a divisão em que irão trabalhar, podendo até passar de três mil reais por jogo trabalhado. Quem explica essas divisões é o ex-árbitro Roberto Perassi.\</p>
<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –ROBERTO PERASSI</u> Tempo: 37” D.I: “são várias...” D.F: “...oitenta árbitros”</p>
LOCUTOR	<p>(Vinicius Andrade)</p> <p>A quantidade reduzida de árbitros em atuação evidencia a dificuldade enfrentada pelos profissionais da área. O educador físico José Cláudio Rocha Filho, árbitro da série A1 do Campeonato Paulista e também do quadro de árbitros da CBF, relata ser difícil conseguiu conciliar as duas atuações\</p> <p>Os obstáculos se evidenciam principalmente nos jogos de meio de semana, quando é necessário perder o dia de trabalho para ir apitar. Às vezes, os jogos são realizados até em outros estados. Por conta dessa precariedade, Rocha Filho não entende a arbitragem como profissão\</p>

Radiodocumentário: Além das 4 linhas- A arbitragem no futebol brasileiro	3
Deivide Ambrosio	
Duração: 27' 54"	

<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –JOSE CLAUDIO</u> Tempo:33” D.I: “Realmente é uma...” D.F: “...duas atividades”</p> <p>(Vinicius Andrade)</p>
LOCUTOR	<p>Mesmo com as dificuldades em ser um árbitro de futebol no Brasil, Rocha Filho segue na carreira, que envolve muitas responsabilidades. Isto porque o futebol mexe com a paixão dos brasileiros. Um simples erro pode gerar muitas críticas. Há relatos, inclusive, de árbitros ameaçados de morte após um erro cometido em um jogo\</p>
<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –JOSE CLAUDIO</u> Tempo:34” D.I: “como estudante...” D.F: “...até hoje”</p> <p>(Vinicius Andrade)</p>
LOCUTOR	<p>Em escolas de arbitragem, os candidatos se preparam para outros desafios, como os testes físicos realizados pelas federações padrão FIFA. Nesses testes, o árbitro corre distâncias em altas velocidades com pouco tempo de recuperação. As provas são realizadas em dias de semana, sem ajuda de custo das federações, como comenta Rocha Filho.\</p>
<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –JOSE CLAUDIO</u> Tempo:17” D.I: “como estudante...” D.F: “...até hoje”</p>
LOCUTOR	<p>(Vinicius Andrade) Mas nem toda a profissão possibilita conciliar os horários da arbitragem, principalmente quando os jogos são realizados no meio de semana. Nesses dias, os árbitros têm de chegar duas horas antes das partidas e sair mais de uma hora após o apito final. Este foi o caso do árbitro aspirante à FIFA Flavio Rodrigues de Souza, que está na arbitragem há treze anos.\</p>

Radiodocumentário: Além das 4 linhas- A arbitragem no futebol brasileiro	4
Deivide Ambrosio	
Duração: 27' 54"	

<u>TÉCNICA</u>	<u>SONORA –FLAVIO SOUZA</u> Tempo:12” D.I: “Hoje eu só...” D.F: “...outras profissões”
LOCUTOR	(Vinicius Andrade) A escolha de seguir apenas como árbitro é um risco, pois qualquer lesão ou punição por algum erro cometido pode afastar o árbitro do campo e deixá-lo sem remuneração. Por essa razão, Souza integra o grupo que defende a profissionalização de forma urgente. Ele entende que a medida traria um respaldo maior aos árbitros.\\
<u>TÉCNICA</u>	<u>SONORA –FLAVIO SOUZA</u> Tempo:41” D.I: “É realmente deveria...” D.F: “...disso aconteça”
LOCUTOR	(Vinicius Andrade) Paralelo à questão física, o árbitro deve enfrentar a pressão psicológica, pelo fato de um erro poder custar algumas semanas sem escalas. Longe dos campos, o profissional fica sem salário. Souza prefere não pensar nesse impacto\\
<u>TÉCNICA</u>	<u>SONORA –FLAVIO SOUZA</u> Tempo:47” D.I: “Então, particularmente...” D.F: “...o que ganhar”
LOCUTOR	(Vinicius Andrade) Mas será que com a profissionalização os erros iriam acabar? Perassi acredita que não. Para ele, não é uma assinatura na carteira de trabalho que irá fazer a arbitragem melhorar. No entanto, o dirigente da Federação Paulista de Futebol avalia que, com o tempo livre para os profissionais se dedicarem à arbitragem, a frequência de erros pode diminuir.\\

Radiodocumentário: Além das 4 linhas- A arbitragem no futebol brasileiro	5
Deivide Ambrosio	
Duração: 27' 54"	

<u>TÉCNICA</u>	<u>SONORA –ROBERTO PERASSI</u> Tempo: 34” D.I: “é lógico que...” D.F: “...sua profissão”
LOCUTOR	(Vinicius Andrade) Muitos torcedores também enxergam benefícios na profissionalização da arbitragem. É o caso do comerciante e fanático por futebol Leonardo Kataoka, de 25 anos e que acompanha o esporte desde criança. Na opinião dele, ter mais de uma profissão além da arbitragem atrapalha a atuação do profissional dentro de campo.\\
<u>TÉCNICA</u>	<u>SONORA –LEONARDO KATAOKA</u> Tempo: 35” D.I: “sou a favor...” D.F: “...dentro de campo”
LOCUTOR	(Vinicius Andrade) Entre os profissionais da mídia, há divergências quanto ao tema.\ Para Ademir Leonel, que está há 40 anos no meio esportivo, os árbitros não precisam ser profissionalizados. Leonel avalia que um árbitro de alto nível recebe mais que o suficiente para se sustentar caso trabalhe de forma contínua durante o mês todo\\
<u>TÉCNICA</u>	<u>SONORA –ADEMIR LEONEL</u> Tempo: 1’06” D.I: “Eu particularmente...” D.F: “...outra profissão”
<u>LOCUTOR</u>	(Vinicius Andrade) Para o jornalista João Gabriel Falcade, de 22 anos, não concorda com Leonel. Para ele, a vida de árbitro é uma das mais ingratas que há, por conta de toda a responsabilidade que carrega e pela pressão de ser visto por milhões de pessoas.//

Radiodocumentário: Além das 4 linhas- A arbitragem no futebol brasileiro	6
Deivide Ambrosio	
Duração: 27' 54"	

<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –JOÃO GABRIEL</u> Tempo: 36" D.I: "A vida de..." D.F: "...com eles"</p>
LOCUTOR	<p>(Vinicius Andrade)</p> <p>Falcade se diz a favor da profissionalização do árbitro. Ele entende que toda pessoa tem o direito a dedicar-se à sua profissão. Desta forma, poderá ser cobrado pelo o que está fazendo. E questiona: como os árbitros serão cobrados se não são considerados profissionais?\</p>
<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –JOÃO GABRIEL</u> Tempo: 40" D.I: "profissionalizar o arbitro..." D.F: "...de lógica, necessidade"</p>
LOCUTOR	<p>(Vinicius Andrade)</p> <p>O repórter Rogerio Barricheli, há mais de quinze anos no meio futebolístico, não se mostra favorável à profissionalização, pois traria mais pressão e cobrança. O argumento de Barricheli faz sentido quando se considera que muitos torcedores veem o árbitro como o grande vilão, mesmo quando não interfere no resultado\</p>
<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –ROGERIO BARRICHELI</u> Tempo: 59" D.I: "se imagina..." D.F: "...tenho duvida"</p>
LOCUTOR	<p>(Vinicius Andrade)</p> <p>Ao abordar a tecnologia, Barricheli tocou em assunto bastante controverso no mundo futebolístico. Mas, neste momento, o que é mais importante para a arbitragem: o uso da tecnologia ou a profissionalização da categoria?\</p> <p>O ex-árbitro Perassi defende que tecnologia e profissionalização têm de caminhar juntas, pois de nada adiantam as ferramentas tecnológicas se os árbitros não sabem usá-la de forma correta. Isso apenas prejudicaria o espetáculo em vez de ajudar.\</p>

Radiodocumentário: Além das 4 linhas- A arbitragem no futebol brasileiro	7
Deivide Ambrosio	
Duração 27' 54"	

<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –ROBERTO PERASSI</u> Tempo:1'08" D.I: "Eu acho..." D.F: "...com a tecnologia"</p>
LOCUTOR	<p>(Vinicius Andrade)</p> <p>O torcedor Gederson Fini se mostra favorável à implantação da tecnologia no esporte, mesmo avaliando que tiraria um pouco a graça do jogo. Para ele, essas ferramentas permitiram que os erros diminuíssem, prejudicando menos os times.\</p>
<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –ROBERTO PERASSI</u> Tempo: 38" D.I: "Eu sou..." D.F: "...a favor"</p>
LOCUTOR	<p>(Vinicius Andrade)</p> <p>O árbitro José Cláudio Rocha Filho também é a favor do uso de tecnologia em prol dos árbitros. Ele cita que em muitos esportes, como vôlei e tênis, a tecnologia já é usada e isso faz com que o jogo flua sem problemas e, principalmente, sem dúvidas em lances polêmicos, o que pode prejudicar todo o espetáculo.\</p>
<u>TÉCNICA</u>	<p><u>SONORA –JOSE CLAUDIO</u> Tempo: 23" D.I: "Eu só..." D.F: "...seja validado"</p>
LOCUTOR	<p>(Vinicius Andrade)</p> <p>Durante toda a realização do radiodocumentário, a reportagem teve acesso a árbitros, assistentes e dirigentes e todos, sem exceção, disseram sofrer com o fato da arbitragem não ser uma profissão com carteira assinada e benefícios como décimo terceiro\</p>

Radiodocumentário: Além das 4 linhas- A arbitragem no futebol brasileiro	8
Deivide Ambrosio	
Duração 27' 54"	

<u>TÉCNICA</u>	<p>Para esses entrevistados, a arbitragem exige muito tempo de dedicação para que resulte em bom desempenho em uma partida. Muitos, no entanto, não têm o tempo necessário para isso. Ser árbitro, portanto, não é uma escolha fácil. \</p> <p>Para quem deseja ingressar nessa importante atividade no esporte, seguem os conselhos do ex-árbitro Roberto Perassi.\</p> <p><u>SONORA –ROBERTO PERASSI</u> Tempo: 2'25" D.I: "Primeiramente você..." D.F: "...para a função"</p>
LOCUTOR	(Vinicius Andrade)
<u>TÉCNICA</u>	<p>Qualquer pessoa pode se inscrever na escola paulista de arbitragem, ligada à Federação Paulista de Futebol. Depois das provas do curso, se aprovado, o candidato pode seguir na carreira de árbitro. Mesmo sem regulamentação e assinatura na carteira profissional, a arbitragem não deixa de ser uma função importante pro esporte.\</p> <p><u>SONORA- APITO FINAL</u></p>